

# OS PROCESSOS DE CULPA, SIMONIA E ALÍVIO NA DEVOÇÃO MARIANA EM FÁTIMA\*

The processes of guilt, simony and relief in Marian devotion at Fatima

*José Brissos-Lino\*\**

## **Resumo:**

A progressiva redução da estrutura comunitária até ao individualismo moderno potenciou a sobrecarga dos sentimentos de culpa no indivíduo, geradores de mau estar e angústia. O fenómeno da devoção mariana em Fátima tem permitido o desenvolvimento de algumas práticas místicas, tipicamente pagãs, como a simonia e o sacrifício auto-infligido, como estratégias de alívio da angústia, ao arrepio da própria lógica doutrinária cristã. 133

**Palavras-chave:** culpa, simonia, alívio, devoção mariana.

## **Abstract:**

The progressive reduction of the community structure up to the modern individualism has imposed new feelings of guilt on the individual. These generate anguish and a general bad mood. The Marian devotion phenomenon in Fátima has permitted the development of some typically pagan mystical practices, such as simony and self-inflicted sacrifice. These are used as a strategy to combat feelings of anguish, going against the logic behind Christian dogma.

**Keywords:** guilt, simony, relief, Marian devotion.

\* Comunicação apresentada pelo autor no Congresso (Re)Visões de Fátima, promovido pelo Centro Transdisciplinar de Estudos da Consciência (CTEC), Universidade Fernando Pessoa, Porto, em 20 de Outubro de 2017.

\*\* Doutor em Psicologia pela UAL, Lisboa. Coordenador do Instituto de Cristianismo Contemporâneo (Univ. Lusófona) e do Núcleo de Estudos em Psicologia da Religião e Espiritualidade. Docente e investigador.

## Introdução

A história das religiões regista ritos piaculares ou de expiação – também conhecidos como ritos de apaziguamento ou propiciação – presentes em inúmeras culturas desde tempos imemoriais, em particular nas sociedades tribais.

A ciência das religiões regista que qualquer acontecimento que mexa com a ordem natural da sociedade, como a morte de um indivíduo, a queda de um raio junto à aldeia, uma tempestade surpreendentemente violenta ou outra intempérie inusitada, podem significar para a população que uma determinada entidade está furiosa com eles. Deste modo há que fazer alguma coisa no sentido de apaziguar a ira dessa mesma entidade, para que não cause maiores danos. Importa, portanto, entender que entidade estará irada mas também quem a terá afrontado e através de que acção o fez, e que tipo de iniciativa expiatória poderá aplacar a sua ira, afastando assim o perigo de novas acções punitivas. Tais ritos envolvem por vezes rogos de misericórdia, oferendas de alimentos e até o sacrifício de seres humanos.

## O complexo de culpa e a angústia

Uma desgraça, um cataclismo ou uma intempérie destruidora, estão assim na base da construção duma espécie de *complexo de culpa primordial*, mais ou menos indefinido, e de dimensão colectiva, que desencadeia necessariamente mecanismos sociais de apuramento da causa de tal punição e do seu causador. O medo do desconhecido e a noção da impotência perante a capacidade de destruição de forças que não se controlam, juntamente com a consciência da incapacidade de evitar ou mesmo controlar os eventos assustadores, concorrem juntamente para a assunção dum sentimento de culpa, que necessita de ser expiado. Crê-se que a única forma de reestabelecer a harmonia com as forças cósmicas será então a realização de rituais como invocações, danças, canções, benzeduras, mantras e sacrifícios de sangue.

A História registou significativas alterações antropológicas no Ocidente, ao longo dos séculos, incluindo mudanças profundas nas estruturas sociais, como a passagem da tribo e do clã para a família multigeracional, e desta para o indivíduo.

Tratou-se dum caminho afunilado, do colectivo para o individual, do conjunto para a unidade, da comunhão para a solidão.

A modernidade vem a caracterizar-se pelo primado da autonomia do indivíduo, tanto na consciência de ser o construtor do seu destino, como no protagonismo da sua existência. A modernidade religiosa é o individualismo, segundo HERVIEU-LÈGER (p153): “a paisagem religiosa é caracterizada por um movimento irresistível de individualização e de subjectivização das crenças e das práticas.” Isso significa que a culpa passou a ser sentida como própria, pessoal e intransmissível, portanto muito mais pesada e portadora de angústia, podendo mesmo considerar-se uma “angústia da liberdade”.

Segundo o autor, a modernidade manifestou-se através da racionalidade aplicada a todos os domínios da acção, mas também pela via da autonomia do indivíduo-sujeito, competente para tecer o mundo em que vive e de encontrar ele mesmo “as significações que dão um sentido à sua própria existência” (HERVIEU-LÈGER, p36). Assim, o homem moderno é extremamente racional e à procura de um sentido para a vida através das significações que constrói.

135

Nesse difícil percurso acaba por se deparar com inúmeras dificuldades para encontrar um significado satisfatório em diversos eventos de vida e etapas da sua viagem existencial. Não contando já com o suporte do clã-tribo-família multigeracional, mas apenas com a sua solidão, tende a carregar sobre os ombros todo o peso da culpa que sente e a desencadear sucessivas angústias. Como não é possível viver permanentemente sob um peso de angústia, ou seja, essa sensação desconfortável e penosa de inquietude, falta de serenidade e paz interior, há que descobrir então formas de a aliviar, sendo que os processos de crença podem constituir um bom caminho para se conseguir um efeito catártico.

O princípio da culpa pelo mal que nos acontece não se inscreve apenas na tradição religiosa do Cristianismo. É velho como o mundo. No Antigo Israel os mitos judaicos justificavam frequentemente, como fruto do pecado dos pais ou de

falhas próprias, os indivíduos em sofrimento, fossem eles leprosos ou doentes mentais, mas também cegos e portadores de outras deficiências físicas.<sup>1</sup>

### **O fenómeno da devoção mariana em Fátima**

As resistências iniciais da hierarquia católica-romana à admissão das ditas “aparições de Fátima” de 1917 e à conseqüente devoção religiosa na Cova da Iria, terão sido justificadas em parte pela multiplicação de fenómenos semelhantes, em especial no norte do país, como é o caso da Senhora da Paz, no Barral (Ponte da Barca), mas também por algum receio de a igreja católica embarcar facilmente na onda da religiosidade popular, o que, de resto, não seria inédito e tinha levado, cerca de 50 anos antes, à adopção do dogma da Assunção de Maria, por pressão popular.

A aceitação final do culto mariano português centrado em Fátima representou então a vitória da religião popular sobre as dúvidas e reticências da estrutura eclesiástica.

De facto, a devoção mariana em Fátima revela práticas penitenciais que não <sup>136</sup> conseguem negar uma inspiração essencialmente pagã, a mais visível das quais será, porventura, o “joelhódromo” do santuário. Ainda que a hierarquia hoje não estimule tais práticas (embora toda a mensagem da Senhora de Fátima esteja eivada de culpa e de apelo à penitência e ao sacrifício de crianças inocentes), a verdade é que os fiéis costumam rejeitar as propostas e sugestões de alívio do sacrifício penitencial auto-infligido, formuladas pelos padres que as abordam em pleno acto. Tais fiéis desvalorizam assim a função sacerdotal e mediadora dos padres e homens da Igreja, inscrevendo o seu comportamento numa lógica religiosa fora do âmbito do catolicismo e, por maioria de razão, do cristianismo.

De facto, segundo a doutrina católica-romana um sacerdote funciona como um mediador entre Deus e os homens. Por exemplo, pode perdoar pecados em confissão e preside ao sacrifício incruento da missa. Ao rejeitar a sua proposta de dispensa dum sacrifício auto-infligido, os fiéis colocam-se assim fora da lógica

---

<sup>1</sup> 1 João 9:1-3.

doutrinária da sua tradição religiosa, optando por uma espécie de sacerdócio espontâneo e auto-proposto, que lhes permite tratar das questões do castigo e da redenção directamente com a entidade divina e sem o concurso de quaisquer intermediários.

A auto-flagelação religiosa constituirá ainda uma negação do pilar central da fé cristã, que é a morte vicária de Cristo, na medida em que revela uma desvalorização da Paixão, como se o drama do Calvário, isto é, o sacrifício do Cristo na cruz, não tivesse sido perfeito, completo e eterno. Como se fosse necessário acrescentar algum sofrimento auto-infligido para garantir um resultado expiatório. Como se a economia da Salvação necessitasse de mais alguma coisa da parte do crente além duma atitude genuína de fé em Cristo e na Sua Obra.

Acresce que esta ideia de um Deus que não só exige mas se regala com uns pobres que se arrastam de joelhos num santuário para lhe agradecer ou agradecer, que se compraz nos pés e joelhos ensanguentados, nos sacrifícios físicos e psicológicos, nas privações, na penitência, remete mais para o modelo tosco das divindades mal-humoradas ou de mau carácter do politeísmo, do que para o Deus revelado em Jesus de Nazaré, o qual “sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa”<sup>2</sup> se apresenta como um Deus de proximidade que “se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade,”<sup>3</sup> isto é, veio “armar a sua tenda no acampamento da humanidade” (segundo a lógica do nomadismo hebraico, no deserto do Sinai), no dizer do evangelista João.

## **Simonia**

Uma vez institucionalizado do ponto de vista eclesiástico, o fenómeno de Fátima gerou algumas práticas altamente discutíveis – como uma espécie de *simonia* – típicas da religiosidade popular. A compra de bens espirituais (favores divinos, bênçãos, prosperidade material) que se observa em parte dos devotos marianos em

---

<sup>2</sup> 2 Hebreus 1:3.

<sup>3</sup> 3 João 1:14.

Fátima, com dinheiro ou com algum tipo de sacrifício, remete para o campo do mérito próprio, do esforço pessoal, do apelo à recompensa. Se eu dou a Deus, Ele tem que me dar algo em troca, em particular a graça de que necessito e pela qual tanto rogo. Se eu me sacrifico, se oferto, se me desgasto em longas peregrinações durante as quais ponho em causa a minha saúde, se me flagelo, se me privo do que me dá prazer na vida, então tenho que merecer aquilo que almejo em recompensa.

Esta prática tem vindo a ser largamente utilizada pelos neopentecostais, no tocante às ofertas, que transformaram a cura num produto comercial religioso, de acordo com a lógica do sistema de trocas. Se o dinheiro compra tudo na vida, porque não há de também comprar Deus? Ou melhor, as suas bênçãos? A religião deixou-se capturar assim pela perversidade da lógica capitalista, em matéria de tráfico de bens espirituais, que faz da divindade um Ser interesseiro, guloso, ambicioso e vendido por um prato de lentilhas.

A narrativa bíblica do Antigo Testamento coloca um patriarca Isaque, velho e cego, a entregar a bênção de primogenitura ao filho mais novo, Jacob, induzido em erro, e a quem o irmão esfomeado, Esaú, havia vendido tal prerrogativa preciosa e única pelo preço de uma boa refeição. Tais práticas fazem do Deus cristão uma entidade sem escrúpulos, que está no negócio das bênçãos ou graças sobrenaturais, tendo em vista o lucro imediato. Tal como o triste Esaú.

O património moral da igreja católica sofreu sérios danos em finais da Idade Média, devido à *simonia*. Dante<sup>4</sup> condena os simonistas ao oitavo círculo do inferno, onde encontra o Papa Nicolau III enterrado de cabeça para baixo, com a planta dos pés a arder. O exemplo deste pontífice haverá de servir como alerta para Bonifácio VIII, o papa contemporâneo à “Divina Comédia”, e Clemente V, que se lhe seguiu. Séculos depois, tanto Maquiavel como Erasmo de Roterdão também condenaram tal pecado, e é certo que na base do acto de afixação das 95 teses de Lutero, em 1517, também está a simonia.

---

<sup>4</sup> Inferno (XIX, 52-57).

Um dos exemplos mais eloquentes do desvario do comércio religioso de Fátima é o caso do empresário ucraniano que tem vindo a vender aos turistas estrangeiros umas latinhas com um tal “ar de Fátima”, e ao que parece com bastante sucesso. Talvez seja o cúmulo da desfaçatez mercantilista, pois uma vela, uma caneca, um quadro, uma T-shirt ou um terço sempre servirão para qualquer coisa, o que não parece acontecer com o “ar” de Fátima ou doutro lado qualquer. O aproveitamento mercantilista dum espaço religioso, levado a um extremo como este, repugnará certamente aos indivíduos mais sensíveis, crentes ou não. Como será possível então compatibilizar o sentido do sagrado com o estrito fito do lucro, alcançado através da exploração da fé dos crentes, sobretudo quando se transacionam perfeitas inutilidades?

### **Alívio**

É sabido que os processos de culpa requerem uma resposta no sentido de tentar obter o alívio dos sentimentos que lhes estão associados e que por norma são desconfortáveis, penalizadores, pesados e por vezes mesmo insuportáveis. Ora, o essencial da mensagem de Fátima assenta precisamente na culpa e condenação dos pecadores, impenitentes e arredados das práticas piedosas. Segundo Valdés (2017), a figura de Maria surge como a mãe compassiva que adverte os homens afastados de Deus, e que está disposta a segurar o braço castigador do Seu Filho, prestes a cair com violência sobre eles: “os devotos da sua imagem, em vez de procurarem protecção em Deus, procuram a protecção de Maria para se defenderem de Deus!” Na linha das mensagens de La Salette, ela aparece a deter o braço “castigador” de seu Filho, que quer destruir a humanidade. Chega-se mesmo ao ponto de Maria, ela própria, aterrorizar as pessoas “com notícias catastrofistas de cataclismos e castigos”. Segundo a *Revista Bíblica*, dos Capuchinhos: “Nas revelações privadas, Maria anuncia quase sempre mensagens tristes, tétricas, sombrias. Os seus vaticínios são de catástrofes e desgraças, como se ela se tivesse tornado pessimista, depressiva

e amarga. Ao contrário, nos Evangelhos, Maria é mulher de esperança, de optimismo e de alegria” (VALDÉS, 2017).

Sabemos que, dentre outras tradições culturais, a religião é causa de sentimentos de culpa, em particular o cristianismo, normalmente associados ao medo, acusação, julgamento e manipulação. Também sabemos que duas das consequências do sentimento de culpa são o medo e a necessidade de auto-punição, ainda que de forma inconsciente. O medo é uma “reação emotiva”, face, por exemplo, à carência, à dor física e psíquica e à morte (REAL, 2017), sendo catalogado por Damásio na categoria dos “sentimentos de emoções universais básicas” (DAMÁSIO, 1997).

A atitude mais adequada e saudável para o indivíduo lidar com o sentimento de culpa é responsabilizar-se pelos seus actos, mas rejeitar a culpa, pois ela faz com que permaneça no papel de vítima e provoca apenas estagnação e repetição de padrão, não proporcionando crescimento. Já a responsabilidade permite acreditar na capacidade de mudança (ZAGO, 2016).

140

Freud era obcecado pelo sentimento de culpa, sobre o qual estudos recentes suportam a ideia de que contribui fortemente para o sofrimento e os estados depressivos (GREEN *et al.* 2012). O chamado “peso da culpa” parece existir mesmo.<sup>5</sup>

Um estudo de neuroimagiologia efectuado na Universidade de Manchester, constatou que as pessoas que estão ou estavam com depressão apresentam reacção de culpa aumentada: “As tomografias e outros exames revelaram que as pessoas com histórico de depressão não 'unem' às regiões cerebrais associadas à culpa e ao conhecimento dos comportamentos apropriados, tão fortemente quanto fazem as pessoas do grupo de controlo dos que nunca tiveram depressão. Isso pode refletir uma falta de acesso a informações sobre o que foi inapropriado no seu comportamento quando se sentiram culpadas, com isso estendendo o sentimento

---

<sup>5</sup> Weighed down by guilt: Research shows it's more than a metaphor, Michael Hotchkiss, <https://www.princeton.edu/news/2013/10/08/weighed-down-guilt-research-shows-its-more-metaphor?section=topstories> (consultado em 15/6/17).



de culpa a coisas pelas quais as pessoas não foram responsáveis, sentindo-se culpadas por tudo” (GREEN *et al.* 2012).

Perante isto, o indivíduo em estado de culpabilidade tende a discernir a sua situação com dificuldade e custa a encontrar um escape ao desconforto e sofrimento daí derivados. Os que o encontram na religião ou numa mística espiritual ou religiosa, optam normalmente pela mortificação e penitência, uma espécie de castigo auto-infligido, ou algum tipo de sacrifício pessoal, seja ele físico ou material.

### **O processo de substituição**

Creemos que parte dos fiéis marianos em Fátima se enquadra neste capítulo, até por resposta à mensagem mariana original, da Cova da Iria, que constituía um apelo directo e claro ao sofrimento em nome de outros, isto é, um processo de substituição: “Tendes que sofrer muito”. Foi pedido aos pastorinhos que “fizessem penitência pelos pecadores” (MORGADO, 2017). O sofrimento auto-infligido em nome dos pecados próprios e os dos outros será um acto de expiação, de pagamento por conta do conceito dum Deus inflexível e duro, justicialista mas não justo, que não se acalma nem comove com o arrependimento do pecador e a sua *metanoia*, exigindo sempre uma espécie de vingança molestadora. Note-se que, de acordo com o Dicionário Houaiss (2003), o conceito de metanoia já inclui a ideia de penitência: “mudança essencial de pensamento ou de carácter; transformação espiritual; arrependimento por falta cometida; penitência”.

O episódio bíblico do sacrifício solicitado por Iavé a Abraão – que lhe pedira a imolação do filho Isaque<sup>6</sup> – e a sua substituição na hora da verdade por um carneiro, é considerado exemplar, quer como processo de substituição, quer como condenação hebraica dos sacrifícios rituais de seres humanos, próprios das sociedades primitivas, na linha da recusa transcendental do mecanismo sacrificial humano. Jesus surge mais tarde, no transcorrer da História, como o pioneiro que

---

<sup>6</sup> Génesis 22.

rompe de vez com a lógica sacrificial, aceitando uma morte não-sacrificial (TEIXEIRA, 1995). Ou seja, uma morte que não deixa de ser em sacrifício, mas não no sentido sacrificial da religião primitiva, até por não ser repetível.

Segundo Girard: “Face à crise sacrificial, que se situa entre outras instâncias temporais também na actualidade, a função catártica do sacrifício dá lugar à crise sacrificial e a violência passa a ser recíproca. Por não existir um bode expiatório, passa a existir a possibilidade, de novo, da violência de todos contra todos, que começa pelo acto de vingança e alastra até justificações de natureza teológica” (GIRARD, 1979). O autor, que estudou o sacrifício de seres humanos enquanto forma de violência controlada, portador de uma função social catártica, na relação com a Transcendência, conclui que “só um suposto ser superior encerra o ciclo da violência. Num mecanismo sacrificial a vítima detém um carácter sagrado, ao passo que, numa crise sacrificial, a vítima, já sem qualquer carácter sagrado e sem eficácia expiatória, aliena-se e dá lugar à violência recíproca: ‘a violência recíproca agora demoliu tudo que a violência unânime erigiu.’” (GIRARD, 1979).

142

De acordo com Meruje e Rosa:

“A sociedade actual europeia, pós-cristã, encerrado o ciclo triunfal da religião cristã, iniciado com Constantino, em 313, se colheu dela, experiência cristã, a revelação e denúncia de todos os sistemas sacrificiais assentes em «bodes expiatórios», está capaz de recuperar de novo sacrifícios mais requintados. A própria religião cristã o reconhece, na recente Exortação Evangelii Gaudium do Papa Francisco, na qual alerta para o actual sistema económico sacrificial, «capitalismo de morte» que precisa de vítimas, hordas de vítimas — da crise económica e de outras, e não apenas na Europa, mas um pouco por todo o Mundo” (MERUJE e ROSA, 2013).

Já anteriormente Francisco condenara a adoração do “deus dinheiro” fundamento do capitalismo selvagem, o último avatar global dos grandes sistemas sacrificiais que a humanidade conheceu.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Discurso do Papa Francisco na sua visita do Papa Francisco à cidade de Cagliari (Itália) em Setembro de 2013. (Jornal The Guardian, versão online, Setembro 2013).

## Conclusão

A economia da Salvação tinha resolvido este problema há dois mil anos, com o quadro do Calvário. O Deus que se faz homem sofre e entrega-se em sacrifício até à morte e morte de cruz, enquanto homem, para cumprir a penalização dos pecados da humanidade. Por isso João Baptista disse do Nazareno: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”.<sup>8</sup>

Branco refere que a experiência de peregrinação a Fátima se inscreve mais no âmbito do misticismo religioso do que no campo da fé: “A experiência da peregrinação a Fátima é um evento significativo na vida religiosa dos católicos portugueses. A singularidade desta experiência mística atrai inclusive aqueles que são católicos apenas nominalmente” (BRANCO, 2016). Como atrás defendemos, trata-se dum misticismo de recorte pagão embora de aparência cristã.

Os processos de culpa, o medo e a angústia que deles decorrem exigem a demanda dum alívio que se pode encontrar no contexto da devoção mariana em Fátima. Mas ele é obtido frequentemente através de mecanismos de mortificação,<sup>143</sup> penitência e simonia, expedientes de inspiração extra-cristã e mesmo pré-cristã, que a ciência das religiões estuda e pode explicar.

O fenómeno de Fátima é claramente uma realidade nacional e internacional. Independentemente da sua sustentação teológica ou da sua justificação ou compreensão histórica, a verdade é que tal fenomenologia está verificada, e presta-se ao estudo científico, como qualquer fenómeno humano, seja ele de carácter religioso, místico, espiritual ou de outra natureza. Como escreveu Teixeira de Pascoaes:

*Senhora dos Milagres, um romeiro  
De pés descalços, de cabeça ao vento,  
Quer entregar-te o coração inteiro  
De crença, mas partido de tormento.  
Dantes, quando era vivo o sentimento,  
Criou-se a tua lenda neste outeiro.*

---

<sup>8</sup> João 1:29.

## Referências bibliográficas

\_\_\_\_\_ *Bíblia Sagrada*.

BRANCO, Luís, *Uma compreensão da teologia mariana em Portugal*, 2016. <https://verdadnapratica.wordpress.com/2016/06/29/uma-compreensao-da-teologia-mariana-em-portugal/> (consultado em 15/6/17).

DAMÁSIO, António, *O erro de Descartes, Emoção, Razão e Cérebro Humano*, Mem Martins: Publicações Europa América, 1997.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Lisboa: Círculo de Leitores, 2003.

GIRARD, René, *Eu via Satanás cair do céu como um raio*, Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

GIRARD, René, *Violence and the Sacred*, Baltimore: The John Hopkins University Press, 1979, p 135, 143.

GREEN S., LAMBON Ralph M., MOLL J., DEAKIN JFW, ZAHN R. Desconexão funcional seletiva de culpa de córtices temporais e subgenéricos anteriores no transtorno depressivo maior. *Archives of General Psychiatry*, (na imprensa). 2012

MERUJE, Márcio e ROSA, José Maria Silva, Sacrifício, rivalidade mimética e “bode expiatório” em R. Girard, *Griot – Revista de Filosofia*, Amargosa, Bahia, Brasil, v.8, n.2, Dezembro/2013, pp 151-174.

144

MORGADO, Lopes, *Revista Bíblica*, Maio-Junho 2017, N°. 370, Lisboa: Missionários Capuchinhos, *Fátima não é o Evangelho de Jesus nem se substitui à Igreja*, pp 394-398.

REAL, Miguel, *Nova teoria do pecado*, Alfragide: ed. Dom Quixote, pp54.

TEIXEIRA, Alfredo, *A Pedra Rejeitada: O Eterno Retorno da Violência e a Singularidade da Revelação Evangélica na Obra de René Girard*, Porto: Universidade Católica Portuguesa, 1995, pp 204.

VALDÉS, Ariel Álvarez, *Revista Bíblica*, Maio-Junho 2017, N°. 370, Lisboa: Missionários Capuchinhos, *Segundo a Bíblia, a Virgem Maria pode aparecer?* pp 399-403 (trad. Lopes Morgado).

ZAGO, Rosemeire, *Sentimento de culpa leva à autopunição*, 2016, <http://vyaestelar.uol.com.br/post/2426/sentimento-de-culpa-leva-a-autopunicao/?culpas.htm> (consultado em 15/6/17).